

JOÃO DE MANCELOS

o riso longínquo das jovens deusas | são agora tão frágeis

o riso longínquo das jovens deusas

essas raparigas que um dia inspiraram
poetas suicidas, sem namorado, nem deus,
náufragas até ao último verso,

essas raparigas de riso longínquo,
tão distantes quanto a noite,
que fumam a morte em poemas de outono,

tais raparigas, beijadas por engano,
o coração no horizonte remoto,
altivas, ausentes, imunes à paixão,

essas raparigas, digo-te, um dia
serão música, pétalas abertas, fogo
dançante – e, depois, cinza de nada.

são agora tão frágeis

são agora tão frágeis, os nomes
das raparigas que, em tempos,
eram a estrela e o milagre.

elegias a deus nenhum,
santuários de amor abandonados,
no sangue seco do tempo.

reduziram-se a meros acidentes,
no silêncio perfeito
que a memória deita a meu lado.

e, porém, esses nomes ardem
ainda no país longínquo da noite
e, sílaba a sílaba, queimam o meu sono.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos, nome literário de Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos, nasceu em Coimbra, em 1968. É doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). É professor universitário. Publicou vários livros de ensaio, poesia e ficção, com destaque para *Línguas de fogo* (2001), *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade* (2009), *Introdução à escrita criativa* (2009), *O pó da sombra* (2014), *Luzes distantes, vozes perdidas* (2019), *Contos de amor, desejo e perda* (2018), *Nunca digas adeus ao verão* (2021) e *A rapariga que adorava finais felizes* (2021). Foi distinguido em diversos concursos literários. Dois contos seus foram adaptados a teatro e um a cinema, no Brasil.